

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Homem de C. Christo  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 422

Assinaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

## EMBARAÇOS

O sr. Dias Ferreira, de quem se esperava a solemne adhesão á republica, metten-se nas encolhas. O sr. Julio de Vilhena sustentou na reunião dos conselheiros d'estado a conveniencia de todos os partidos monarchicos se colligarem contra o partido republicano. O jornal *Novidades*, desatando já á lambada aos republicanos, e comparando-os com os fanaticos ao serviço do Divino, escrevia ha dias, entre muitas outras amabilidades de comadres zangadas:

«São missionarios sahidos do mesmo Varatojo,—mas que vieram cá para fóra tomando pelas portas oppostas na serventia do mosteiro. Como doutrinaes equivalem-se. Para os aceitar é... preciso ter o espirito obaurecido pela treva da ignorancia. Não é preciso, para os seguir, ter, apenas, uma grande fé: é indispensavel... ser um grande burro.»

Isto é, desenha-se nitidamente a situação que previamos logo que se constituiu o actual ministerio, e que tantas vezes temos descripto como a situação normal ou permanente do partido republicano na politica portugueza. Este partido é um simples instrumento dos partidos monarchicos na opposição. E a esse papel de cão de quinta, cão bravo que todos vão aqular contra o governo, como nos dizia ha dias um homem intelligente e sisudo, se tem elle prestado admiravelmente.

Cs, cs, cs... açulavam regeneradores, dissidentes, independentes e franquistas contra o ministerio progressista. Cs, cs, cs... açulavam progressistas, dissidentes, independentes e franquistas contra o ministerio regenerador. Cs, cs, cs... açularam regeneradores, dissidentes, independentes e por fim tambem progressistas contra o ministerio franquista. E o canzarrão, todo orgulhoso de assim apreciar e afagarem a sua braveza, arremettendo sempre furioso. Mas como vivamos n'uma epocha de *trust*, os partidos monarchicos vão fazer o que, para evitar os incommodos e os perigos da guerra da concorrência, fazem os grandes especuladores no commercio e na industria: entendem-se, colligam-se, preparam-se para deitar açame áquelle focinho que se estava tormando, afinal, uma grave ameaça para todos.

Progressistas, regeneradores, franquistas serviam-se, uns contra os outros, do canzarrão, fóra do poder. Mas compensava isso as agruras, as difficuldades d'uma vida ministerial embaraçada, perturbada, pôde-se mesmo dizer agoniada? E' certo que não faltavam recursos violentos contra o bicho. Censura prévia, arresto, multa, cadeia, pavorosas, toda a metralha, emfim, da violencia. Mas era um estado de guerra, que, como todas as situações violentas, se não podia aguentar por muito tempo. Emquanto o canzarrão fosse apoiado, mais do que apoiado: estimulado, excitado, açulado pelos partidos monarchicos na opposição, não havia maneira de fazer governo.

N'este raciocinio se fundou Julio de Vilhena para defender no conselho d'estado a concentração monarchica. Matou dois coelhos com uma cajadada. Por um lado fez jus á chefia atrahindo as sym-

pathias do rei. Teixeira de Souza procura lisongear os pés frescos com a *cantata liberal*. Vilhena, mais habil, lisongea a córte lembrando e advogando a idéa da *concentração monarchica*. Este simples facto basta para que aos espiritos observadores não restem duvidas sobre o resultado final da lucta pela chefia regeneradora. Na politica monarchica quem vence sempre é o monarcha. Por um lado, isso. Por outro lado Vilhena foi adeante dos desejos intimos de todos, ou, pelo menos, dos mais poderosos agrupamentos monarchicos. Ao mesmo tempo que aproveitavam os republicanos para se dilacerarem uns aos outros, marcheas regeneradores e progressistas acariciavam o secreto desejo de se entenderem contra o obstaculo commum, obstaculo impertinente, obstaculo irritante: contra os republicanos. Falta que formulasse a idéa pessoa de sufficiente auctoridade e que a reforçassem as circumstancias.

Ora chegou a occasião. Tem essa auctoridade o sr. Julio de Vilhena. E as circumstancias são de tal ordem que até João Franco, que se sente a escorregar do poder, d'onde não tardará a ser expulso, abraçou com entusiasmo a idéa. Não serão, pois, só progressistas e regeneradores a colligarem-se contra republicanos. Entrarão ainda os franquistas na colligação. E achar-se ha meio de attrahir tambem a patrulha dissidente, que fala muito em liberdades publicas pelo unico motivo de se sentir cada vez mais afastada do poder. E' indicio que não falha. Apregoar muito liberdades, prometter muito liberdades, jurar sobre liberdades quer dizer simplesmente que... *as uvas estão verdes*. Podem-se illudir os bernardinos com essas cantatas. Mas não se illude mais ninguém.

Tudo leva a crer, portanto, que a colligação monarchica será um facto. E, a sê-lo, a situação tornar-se-ha um pouco séria para os republicanos.

Os republicanos tiveram a habilidade singularissima de não agardar a ninguém. Nem a si proprios! Porque a verdade é que só quem não vive com elles ignora que os primeiros que não tem confiança nos seus chefes, que os primeiros a duvidar do exito republicano, que os primeiros desalentados, descrentes, embora na apparencia o não deixem perceber, são elles. E é natural, desde que ao partido republicano faltou o elemento essencial de successo que é a educação democratica.

O partido republicano não agradou aos reaccionarios porque foi a cada passo desordenadamente revolucionario. Não agradou aos revolucionarios porque foi a cada passo desordenadamente reaccionario. Não agradou aos indifferentes exactamente por ter sido ora desordenadamente revolucionario, ora desordenadamente reaccionario, isto é, sempre disparatado. E não agradou aos correligionarios por que a primeira condição para a gente triumphar é saber o que quer e saber o que faz. Berrar não basta. Quem canta seus males espanta. Berrar é uma das maneiras de encobrir a falta de sciencia ou a falta de consciencia. Os republicanos berravam. Mas não sabiam proceder. Estavam como os militares francezes ao começar a guerra de 70. Bastavam elles apparecer para os prussianos fugirem! Os prussia-

nos,—ver-se-hia—eram levados a pontapés! Diziam isto. No fundo sentiam-se sem a capacidade, sem a sciencia de que resulta a verdadeira, a sã, a reflectida consciencia. Sentiam-se sem força, sem animo, sem coragem. E generaes e soldados. Nem os soldados confiavam nos generaes, nem os generaes confiavam nos soldados.

O partido republicano tinha a sua missão na sociedade portugueza. Missão d'educação, de preparação, de sincera e honrada evolução. Ninguém sabe n'esta hora qual será o fim da humanidade. Mas o que se sabe é que a humanidade não pára. Não parou no feudalismo, não parou no absolutismo, não parou no constitucionalismo, não ha de parar no republicanismo. Caminha, caminha sempre. Para a perfeição. Talvez tambem que para a morte.

Tornar-lhe o caminho o mais facil, o mais doce possivel, dar-lhe noções e regras de hygiene social, orienta-la sobre as necessidades mais urgentes, auxilia-la a vencer as doencas e as crises de momento, fortalecer-lhe o organismo, habilita-la, emfim, a resistir e a progredir, é a missão d'esses medicos sociaes que se chamam politicos. Tem de fazer com o organismo social o que os outros fazem com o organismo individual. Ora curar em Portugal a doença monarchica com a therapeutica monarchica, como tem pretendido os republicanos, é manifesto absurdo.

Nunca os chefes monarchicos hesitaram, para conquistar o poder, em apregoar liberdade. Em prometter franquias para o povo. Em fulminar immoralidades nos homens e na administração. Em proclamar a superioridade da soberania popular sobre a soberania real. Em chorar as miserias, as penurias, as dôres das multidões. Deixaram sahir da bocca as mais bellas promessas, as mais nobres e consoladoras affirmações. E de tamanha sinceridade pareciam possuidos que por varias vezes enganaram os mais desconfiados, os mais descrentes. Chegados ao poder, porem, renegaram tudo, infames quadrilheiros, vis ciganos.

Fulminaram os republicanos, e com muitissima razão, esse procedimento indecoroso. Mas a verdade é que os seus processos são em tudo os processos dos monarchicos.

Até nas *intencions* revolucionarias! Ainda não descobrimos melhor processo que o dos pronunciamentos!

E assim perderam a confiança de clero, nobreza e povo. Até a d'elles proprios. Os primeiros que não confiam nos republicanos são... os republicanos!

N'um livro publicado mezes depois do 31 de janeiro, escreviamos nós ha dezeseis annos:

«Por ora estamos como estavamos: os monarchicos conspiram contra a monarchia, os republicanos conspiram contra a republica. Quem conspirar menos é que ganha. A monarchia já ganhou uma partida. E' muito possivel que ganhe ainda outra.»

Dezeseis annos depois só nos resta repetir as mesmas palavras. «Estamos como estavamos: os monarchicos conspiram contra a monarchia, os republicanos conspiram contra a republica. Quem conspirar menos é que ganha.»

A conspirar contra a monarchia

tem os monarchicos augmentado notavelmente o partido republicano. Mas a conspirar contra a republica tem os republicanos deixado de... fazer a republica.

Será a projectada concentração monarchica um dos meios de diminuir a conspiração dos monarchicos contra a monarchia? N'esse caso mal estão os republicanos.

A não ser que o facto tenha tambem por effeito, o que muito bem pôde succeder, fazer diminuir a conspiração dos republicanos contra a republica.

## POVO DE AVEIRO

Em virtude do contracto realisado em 4 do corrente com o antigo director d'este semanario e proprietario da typographia e officinas onde o mesmo se compõe e imprime, a propriedade tanto d'uma como d'outra cousa passou a ser desde aquella data do sr. Manuel Homem de C. Christo, d'esta cidade, o qual desde o presente numero assume a direcção e administração do *Povo de Aveiro*.

O que se declara para os devidos effectos.

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O assignante n.º 269 é o sr. dr. Antonio Gomes, morador na rua das Flores—Pharmacia Gomes, Porto. Mandámos-lhe o recibo por mais do que uma vez. Veio sempre devolvido com a nota: «procurado e não encontrado». Escrevemos-lhe pedindo o favor de liquidar o seu debito. Não respondeu. Não respondia, não devolvia o jornal, não pagava. Ora se devolver o jornal sem pagar é illegitimo, muito mais o é nem devolver o jornal, nem pagar. N'estes casos, recorremos ao expediente de juntar o numero d'esse assignante aos numeros d'outros que estavam em atrazo pedindo d'aqui a todos esses cavalheiros muito delicadamente, sem melindre, pois ninguém sabia a quem nos referiamos, o favor de liquidarem os seus debitos, já que os correios declaravam não os encontrar. Quasi todos responderam, ou pagaram, o que agradecemos. Foi o sr. dr. Antonio Gomes dos poucos que tem resistido a successivas chamadas. E esta semana devolveu-nos o jornal, SEM PAGAR O QUE DEVEIA.

«Pelo dedo se conhece o gigante». Ha factos que definem mais do que todas as palavras. Este é um d'elles.

Aos assignantes n.ºs 500, 43, 236, 386 e 831 continuamos a pedir o favor,—embora nos pareça que já era tempo de nos pouparem a repetição do pedido—de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas.

## OPINIÕES

### A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

«A mulher não tem força masculina! A mulher é cobarde! Ha-de ser sempre assim e basta isto a justificar a sua escravidão!», gritam os conservadores já sem argumentos, agarrando-se com desespero ás apodrecidas tábuas do navio desmantelado onde se acolheram.

Sempre os mesmos processos! Se em vez de lançar mão destes grosseiros sofismas, confessassem claramente que querem a mulher escrava para lhes satisfazer os desejos e acalantar o réles egoismo, se em logar duma capa de hyocrisia mesquinha, tomassem a responsabilidade moral duma franqueza rude, poupavam trabalho e tempo aos que se interessam pela conquista da felicidade e por ella trabalham com afân, e seriam mais leaes e honestos na discussão aos olhos daquelles que, atravez de toda a argumentação pseudo-scientifica com que pretendem confundirlos, lhes sabem descobrir um depravado fundo moral e um egoismo sem limites, mal dissimulados por uma apparencia de humanidade.

Mas a justiça triumpho sempre, mais tarde ou mais cedo, quer os criminosos queiram, quer não queiram. Portanto, embora os sofismas dos conservadores atrazem até certo ponto a marcha evolutiva da humanidade, embora estes consigam dessa forma arrebatar para o seu campo *ingénios desprevénidos* que como pardaes se deixam ir na rede, embora, finalmente, todos os estorvos que esses malfetores publicos possam oppôr á civilização e progresso da humanidade, o nosso trabalho não deve afrouxar e, pelo contrario, ser mais intenso e ávido, para esmagar com a força poderosa da verdade os perniciosos defensores do preconceito e da mentira.

E será tanto maior a nossa satisfação quão mais importante e sincero for o esforço com que contribuímos para a conquista da felicidade completa, n'uma sociedade futura bem organizada, em que o tenhamos que obedecer ás leis da Natureza que dominam o universo—porque a idéa de organização não implca o principio de autoridade—e encontremos a satisfação integerrima das nossas necessidades, o desenvolvimento completo das nossas energias sem coação de especie alguma, uma sociedade, emfim, na qual termine a exploração do homem pelo homem e os dois sexos vivam em justo e manente equilibrio realisando o amor, suprema aspiração da humanidade, e inaugurando uma nova era de justiça e paz em que o ser humano attingirá o máximo de desenvolvimento intelectual e o mais elevado nivel moral.

D-vemos pois lançar mãos á obra sem detença, procurar que a mulher se illustre e eduque para que pelo homem possa ser olhada com respeito, e possa ao mesmo tempo organizar-se poderosamente tornando-se um importante força social, e então, unidos pelo amor e estreitados pelo mesmo desejo insoffrido de felicidade e libertação, trabalharemos juntos na obra imensa das reivindicações sociaes.

Mas perdão!... que lá se vai quer faltando ao prometido, e o prometido é devido. Disséra eu no anterior artigo que hoje dissertaria so-

Cartas de Lisboa

6 DE SETEMBRO.

A questão magna d'esta semana é a dos adeptamentos. E nenhum dos actos do governo impressionou ainda tão mal a opinião publica.

Não posso dizer livremente quanto sinto. O jornalista está sob uma pressão de ferro. No entanto, sem perigo de suspensão ou de processo ainda me será permitido protestar contra aquillo abertamente.

O que se vê cada vez mais é que n'este paiz não ha um homem que mereça, de perto ou de longe, o nome de estadista. O sr. João Franco tem virtude, a par dos seus defeitos. Tem mesmo qualidades politicas apreciaveis. Mas ficou muito aquém das suas aspirações e das esperanças dos que viam n'elle um reformador.

Não o digo hoje. Digo-o ha muito tempo. *Todos erravam*, escrevia eu n'esse semanario em 3 de fevereiro. *Todos erravam*. Era até o titulo do artigo. Erraram gravemente os republicanos repellindo categoricamente e violentamente os processos liberaes que João Franco promettia e que manteva nos primeiros mezes de governo. A habilidade e o interesse dos republicanos não era empurrar o governo para o caminho reaccionario. Não era fechar-lhe todas as portas da transigencia e da conciliação. Claro, clarissimo, que João Franco não poderia aguentar-se no campo liberal com uma opposição violenta dos republicanos. E os primeiros a perder com isso seriam os mesmos republicanos. Não era sincero João Franco? Todo o seu proposito era um proposito liberticida? Não passava d'uma mystificação, d'uma burla, a sua apregoada experiencia liberal? Deixassem que João Franco se desmascarasse naturalmente. Nada de justificar a sua hypocrisia, se porventura tal hypocrisia existia. E era justificar a entrada do João Franco no campo das violencias e da reacção atacar desordenadamente João Franco emquanto elle se mantinha no campo liberal.

Os republicanos commetteram um grande erro. Nunca se convenceram d'isso, nem convenceram, porque, no geral, nunca passaram nem passarão de *bernardinistas*. Mas se os republicanos commetteram um grande erro, João Franco não o commetteu menor recuando no caminho da reacção até aos ultimos extremos.

Não ha estadistas n'esta terra. Não ha homens de vistas largas. Não ha um só. Não ha, sequer, jornalistas, publicistas, verdadeiramente intelligentes. A gente não ouve, a gente não vê senão distantes. Ha dias dizia-me um lojista: «Eu já não acredito nos taes intellectuaes. Se ainda ouço palavras de bom senso é aos analphabetos, ou aos meios analphabetos como eu. Os intellectuaes são parvos. Os intellectuaes parecem-me doidos, todos elles.»

Isto não é inventado por mim. Poderia parece-lo a quem sabe a velha opinião que eu tenho sobre os intellectuaes d'esta pobre patria portuguesa. Mas não é. É rigorosamente verdadeiro. É authentic. E com a circumstancia, digna de nota, do lojista não conhecer o meu modo de apreciar os chamados representantes da intelligencia portuguesa.

O lojista dizia-me aquillo muito irritado. Muito indignado. Sinceramente pezaroso com o que via e ouvia. E eu estava encantado. Naquelle tom energico e rasgado vibrava, emfim, uma intelligencia e uma consciencia.

Tinha razão, muita razão. Os *intellectuaes* são parvos. Parecem doidos, todos elles! Ou sejam monarchicos, ou sejam republicanos. Ou sejam diplomados ou não sejam. Ou sejam da Universidade, ou sejam das outras escolas do paiz. Tanta rhetorica contra o *bachelarel* é contra a Univerdade. para

todos serem *bachelares*, no fim de contas! Ou sejam do jornalismo, ou sejam da tribuna, ou se digam parlamentares, ou se digam estadistas.

Parvos, eis o termo. Parecem doidos, todos elles!

Mas só você tem juizo? dir-mão os graciosos. Alto ahi. Eu não me considero, nem nunca me considerei, membro da grande confraria dos intellectuaes da minha terra. Mas se querem que o seja e se é preciso eu entrar para a conta para não alterar a regra geral, façam favor de me incluir. Como queiram. Contanto que subsista a regra, inalteravel.

É uma pavorosa inferioridade. O nosso deficit é intellectual. É moral antes de tudo, escrevia eu ha dezeseis annos, quando estava na ordem do dia o deficit financeiro. Escrevi o no jornal e escrevi o no livro. Ainda hoje digo a mesma coisa. E cada vez ha mais razão para o dizer.

Que tremenda, que pavorosa inferioridade!

Por motivo nenhum a questão dos adeptamentos devia ser liquidada em dictadura. Tudo, menos isso! Pae e padrinho só quando o filho nosso passa por filho dos outros. Eu conheço paes que são padrinhos dos proprios filhos. Mas figurando estes no registo como filhos dos outros. Com a sanção do pae que não é pae, do Divino e da lei. Escreva-se Divino com d grande, por respeito a Deus, que nunca se escreve com d pequeno, e á religião do Estado, tão soberana ainda n'esta terra que não fala n'ella vez nenhuma o Bernardino, mais é da maçonica, sem curvar o joelho e tirar o chapéo.

Se o devedor era a corôa, como podia, como devia a corôa *fazer e baptisar*?

Parece que o intuito do sr. João Franco foi sempre desviar de cima da corôa as murmurações do paiz. A esse proposito obedeceu a desastrosissima historia das cartas e a esse proposito obedeceu esta não menos desastrosa historia dos adeptamentos. O sr. João Franco quiz mostrar que era falso, ou pelo menos exaggerado, tudo quanto clara e occultamente se dizia. Quiz acabar com uma propaganda que lhe parecia prejudicial. Quiz tirar aos inimigos das instituições dos maiores pretextos que elles tinham para falar. Mas esqueceu-se de duas coisas, aliás elementares. Primeira, que ninguem cala a bocca ao mundo, mesmo que o mundo não tenha razão para murmurar. Segunda, que quando se não pôde dizer a verdade toda não ha nada mais desprestigioso, mais prejudicial, mais funesto que dizer só meia verdade. Então é que as boccas se assanham e as linguas despedem certezas ferroadas.

Ora João Franco não p dia, nem ninguem, dizer toda a verdade. Então, o que o mais rudimentar bom senso aconselhava era deixar estar as coisas como estavam. Os partidarios do regimen partiam da hypothese de que tu lo quanto se dizia era falso. A maneira mais decorosa, n'uma situação má, de occultar a verdade.

Mas João Franco, argumentasse, queria estabelecer em bases sólidas e honestas a contabilidade publica. Não queria que se repetissem, de futuro, factos condemnaveis. Pois bem. Se isso era possivel,—e sobre essa possibilidade ficariam sempre, e ficam, subsistindo graves duvidas no espirito de toda a gente—o meio era regular o presente e o futuro e dar o passado por... *passado*.

João Franco augmentava a lista civil. João Franco transferia para o Estado certos encargos que pesavam sobre a corôa. Fazia-o a pretexto, verdadeiro ou real, de ser insufficiente a dotação da familia real. E sobre o passado não falava. O passado passado. Aguas passadas, diz a sabedoria das nações, não moem moinhos. Não falava sobre o passado nem moia tropos sobre a pobreza da familia real. A dotação da familia real era de data antiquissima. De então para

br a apregoada inferioridade muscular e cobardia phisica da mulher. Reduz-se a pouco o que á primeira vista se antolha difficil empreza.

A mulher é fraca, é covarde, dizem. Mas não dizem mais nada. São nenhunas as provas desta asserção. Não citam a traveza e a cobardia femininas. Não provam—e talvez se não atrevam até a affirmá-lo—que a operária ou a camponesa de hoje trabalham menos ou dispendem menor esforço que o homem. Nestas circumstancias, que valor pôde ter tal argumento? Nenhum, sem duvida. E o caso é este:

Os partidarios do existente, quando fazem suas tolas afirmações, não ajuizam pela mulher cuja individualidade a ação dos costumes e o regimen de escravidão em que tem vivido ainda não conseguiram destruir completamente. Não olham á grande massa das trabalhadoras, não vêem a mulher natural que tem em si a explodir constantemente a natureza rude e pura, e outras leis não conhece que não as naturaes. Não senhores. Fazem lei por as esposas, por as filhas enfezadas e rachiticas, victimas duma educação terrivel, cheias de preconceitos mesquinhos e minadas pelo sentimento religioso, descendencia d'anteriores gerações já gastas e corruptas, d'intelligencia adormecida, os musculos atrofiados e sem consistencia, parecendo mais bonecas de engonços que seres humanos, e sendo, na verdade, tudo quanto ha de mais anti-natural. Os seus juizos são muito parciais—suppondo por um momento que são sinceros—porque têm constantemente diante de si estes exemplares da degeneração feminina, bonecas sem coração e sem sentimentos, frivolas e futeis, de corpo e alma prostituidas.

E porque os seus argumentos se baseiam em falsas concepções, porque razão lhes não assiste, porque tudo quanto dizem assenta sobre revalhos preconceitos e erradas doutrinas, simples jactos de água quente bastam a derretê-los.

Comecemos a lavagem.

«Desde a mais alta antiguidade que se começou a estabelecer entre os dois sexos da especie humana uma certa divisão no trabalho, destinada a acentuar-se cada vez mais no decurso da evolução social: ao homem a caça e a guerra; á mulher a educação das creanças e as occupaões eu seiras e pacificas. A origem da partilha não foi nada rigorosa. A mulher primitiva não ficava atraz do macho em *ousadia* e em vigor, e muitas vezes o socorreu na luta contra os rivaes humanos e animaes»; diz Lotourneau (1).

«Não se encontrou numa gruta da California um esqueleto de mulher da epoca prehistorica? Tinha mais de dois metros de alto, e era de tal sorte formado que os mais fortes marmanhões de hoje teriam receio de se medirem com uma mulher dessa osamenta. Ella era, dizem os sábios, igual em força aos homens do seu tempo. Foi a civilização masculina que deformou a mulher e lhe fez perder a sua força primitiva.

Veja com que soffrimentos a mulher actual dá á luz seres muitas vezes fracos. Diz-se que as bohemias desembarçam-se na borda de uma estrada, e algumas horas, ou logo depois, continuam o seu caminho com os filhos que dêram á luz. Creio que os entraves com que temos sido constrangidos nos tem mais opprimido que protegido.

.....Concorda comigo que todo o orgão se fortifica pelo exercicio? Os naturalistas pretendem que as toupeiras fatalmente perderão completamente a vista nas gerações futuras, por causa da sua vida subterranea; os sábios provam que as especies modificam-se, através dos tempos, por meio de condições diferentes da vida, e que os seus orgãos vão-se adaptando ás circumstancias, e que as suas proporções e as suas forças decrescem, se essas especies se acham em condições desfavoraveis da vida natural. A mulher primitiva vivia livremente

na natureza, tão independentemente do homem, como na especie animal a fêmea vive do macho. A medida que o homem foi saindo do seu isolamento, e formou-se em tribus rivais de outros tribus, a mulher tornou-se a guarda do lar; a ella cabia o cuidado de educar os filhos, de confeccionar os grosseiros vestidos, e mesmo de cultivar de cereaes os campos.

Vivendo menos ao ar livre, e cada vez mais enclausurada, a sua força corporal foi diminuindo, de geração em geração. Quanto mais o homem alargou o seu dominio sobre a natureza phisica, mais elle o estendeu reciprocamente sobre a mulher. Desde a origem da civilização, tendo deixado o caminho da harmonia que quer que os dois modos da humanidade paralelamente se desenvolvessem, a sua tyrannia exigiu a sujeição da mulher.

Creator de religiões que faziam do não cumprimento de função sexual uma condição de virtude, o homem serviu-se d'essas religiões para escravizar a sua companheira.

O convento educava as raparigas e encarcerava-as, quando na epoca do casamento, a sua vontade estava em contradicção com a dos paes, servia mesmo de prisão ás mulheres casadas que não queriam dobrar-se ao jugo marital, ou contrariavam os maridos.

— Onde está a sua mulher? perguntava-se ao pae de Mirabeau.

— No convento.  
— E as suas filhas?  
— No convento!

Quantos paes teriam podido dizer outro tanto!

Feçada e ajoujada, a mulher não pôde desenvolver livremente a sua natureza phisica.

Os braços e as pernas reclamam exercicio para possuir musculos fortes; os orgãos de respiração tem necessidade de ar puro e movimento para funcionar em completa liberdade.

A mulher adaptou-se a este estado de constrangimento, e levou esta vida phisica deprimida que posso comparar ao orçamento de uma pessoa possoa.

Tenho apenas dez centimos para gastar e preciso de vinte. Terei de me privar; mas não fornecerei senão o trabalho em relação com as forças phisicas que o meu orçamento me permite. Não se nota além d'isto como as raparigas do campo, cuja existencia é muito livre, e dão exercicio aos musculos, tem uma saude diferente das raparigas das cidades, mais submettidas ás regras do decoro moderno, regras tão absurdas, seja dito de passagem? »

Estas palavras são extraídas duma bella obra da notavel escritora francesa Marguerite Bodin que é toda um brado quente de revolta contra a injustiça das duas moraes sexuaes, obra essa premiada com justo louvor pelo Congresso Permanente de Humanidade e traduzida em português pelo sr. general Constantino de Brito, membro do Conselho Superior do mesmo Congresso e notavel publicista. Duma tocante realidade este livro encerra grandes verdades e não hesito em recommenda-lo aos que por este assumpto se interessam.

Com effeito é do mais rudimentar conhecimento a lei biologica que nos diz ser a função que faz o orgão. E é tambem notorio que instrumento que se não usa, se estraga ou se enferruja. Orgão inativo, que não funciona, emperra e perde o natural vigor através das diferentes gerações. É assim a natureza. E ainda aqui é justa e razoavel.

Nos tempos prehistoricos, mulher e homem tinham igual força muscular e a sua estatura e conformação phisica eram ainda identicas. Da divisão do trabalho a que acima me referi, resultou a mulher ser excluida das occupaões violentas, e daí, em virtude da falta de uso, o enfraquecimento muscular. Esse enfraquecimento foi aumentando no andar dos tempos e hoje utilizam-no os conservadores para basearem a escravidão da mulher na inferioridade phisica. Triste base, na verdade, no momento em que o triumpho não depende da força phisica mas da capacidade intellectual, numa epoca em que é a razão quem põe e dispõe sem dependencia da brutal potencia muscular!

Mas acitemos o argumento, ainda assim. A desproporção entra a força muscular dum e doutro sexo não é tão grande que ambos não trabalhem igualmente. A operária trabalha 10 e 11 horas por dia, trabalhos ás vezes mais pesados e grosseiros que os do homem, e, se é casada, o que succede em muitos casos, ainda tem o trabalho da familia, cuidando dos filhos e cosendo-lhes a roupa, limpando e arrumando a casa, emfim todos os cuidados e trabalhos de mãe. E onde estão as suas recompensas? Na miseria e no tédio, quando, ao sair da fábrica, o marido se furta á sua vigilancia diligente para se ir enterrar na taberna, no vicio onde vai buscar algumas horas de triste prazer, gasto o misero salário que junto ao da mulher companheira devia trazer o pão aos filhos. E estes têm fome, e ella, a mãe, mais talvez que o marido, ralase e mortifica-se.

A vida da camponesa ou da operária é negra e triste. Se o homem sofre—e se sofre!—ella sofre todas as suas agruras e não tem nenhuma das suas recompensas. Trabalha pelo menos tanto como este. Chega-lhe para isso a sua força muscular. Que mais querem?

E ainda que assim não fosse!— sejamos justos, uma vez ao menos!— se a mulher é mais fraca, se as condições sociaes produziram nella grandes transformações phisiologicas, hade por força ser escrava? Sejam justos, repito, e não queiramos dizer dom Bismarck que a força prima o direito. Não. Se a mulher nos é inferior em força phisica e o não é em intelligencia, como se provou, os dois sexos tem diferentes aptidões que harmonicamente se completam. Dêmos a cada um o seu papel. Tambem não quero a masculinização da fêmea. De fórma nenhuma! Cada um no seu lugar, mas, primeiro que tudo, a instrução, a liberdade e a felicidade para ambos!

Continuaremos.

HOMEM CHRISTO, Filho.

GARRAIADA

Conforme noticiámos, realison-se no domingo ultimo no *redondel* do Rocio, a garraiada promovida pela Sociedade Recreio Artístico, que teve um exito colossal. Com uma casa completamente cheia, seriam cinco horas da tarde quando se deu começo ao divertimento, demonstrado a rapaziada durante a lide que ali não haviam medrosos, pois que se atiravam aos bois como *Santhiago aos Mouros*.

O que brilhou, porém, no meio de tantos episodios engraçados, foi o distincto cavalleiro tauromachico sr. Antonio Simões de Carvalho, que teve ferros soberbos, cabendo-lhe por isso as honras da tarde, conforme os applausos que recebeu de toda a imensa plateia, que não foi *avarenta* em o applaudir.

Foi, emfim, mais um triumpho que a florescente Sociedade Recreio Artístico colheu, demonstrando mais uma vez o quanto ella vale e de quanto é considerada.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos 1, 102-104. Tabacaria Fillismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havanza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

(1) «Revue de l'Ecole d'anthropologie», setembro de 1901, pag. 278.

Cá todos os vencimentos tinham subido menos os da família real. A dotação da família real era inferior á dotação de quasi todas, ou todas as famílias reais da Europa. Justificava-se, pois, o augmento. E prompto. Bramavam os republicanos e tinham razão para bramar. Elles fariam com o seu presidente as coisas muito mais baratas. E o governo respondia-lhes: mas isso é lá nas republicas. Nas monarchias é assim. E nós vivemos em monarchia e não vivemos em republica.

Prompto. Os republicanos tinham razão. Mas os monarchicos também a tinham. Cada um no seu ponto de vista. Os republicanos tinham razão. Mas razão para dizer, unicamente: fica nos muito caro esse regimen. Mais nada. Não podiam ir alem de repetir o argumento tantas vezes produzido. Fica caro o regimen monarchico. Uma, entre muitas, das razões porque os republicanos preferem o regimen republicano. Não era novidade. Já se sabia. E os monarchicos até podiam concordar, sem perder terreno. Seria, diriam, mais barato o regimen republicano. Como seria mais barato não ter generaes, não ter bispos, não, ter, até, presidente da republica. Mas enquanto houver rei, não pôde ser senão assim. E os senhores não podem contestar o principio equitativo de se augmentar o vencimento ao rei depois de terem reclamado ou autorisado augmento de vencimento a todo o mundo.

Prompto. Era uma situação clara, definida, logica e leal. Era uma situação correcta. Mas o que se fez é tudo quanto ha de menos logico, tudo quanto ha de mais estúpido.

O rei não tinha direito a alugar os predios da corôa, desde que os predios lhe tinham sido cedidos para sua regalia. O rei não está na pobreza que se pinta. Mas estivesse pobre ou não estivesse, mas sim ou não lhe assistisse o direito de dispôr de bens nacionaes que o seu fausto dispensava, ás côrtes e só ás côrtes competia resolver assumpto de tanta importancia e de... tanto melindre.

O sr. João Franco deu a maior cabeçada da sua vida politica. Praticou um acto tão incorrecto que não pôde deixar de merecer as reprovações de toda a gente. Incorrecto e pouco intelligente. Apregoa-se ahi talento a cada passo. E, no fim de contas, o que mais falta n'esta terra é talento.

IMPRESSÕES  
DO  
**EXTRANGEIRO**  
E IMPRESSÕES  
DE  
**PORTUGAL**  
XXIX

Em má criação, pois, não nos fica a Italia a dever nada. A Hespanha ainda menos. E vamos lá, que também os ha em França e na Suissa de primeirissima ordem.

Em Clermont-Ferrand visitei o quartel de infantaria 92 e procurei depois, no mesmo dia, visitar o quartel de artilheria 36. Dirigi-me ao capitão d'inspecção, ou de semana, como então lá se chamava. Disse-lhe que era official do exercito portuguez, como lhe provaria com os meus papeis, se os quizesse vêr. Que estava a aguas em Vichy e indo a Clermont-Ferrand n'uma rapida digressão—o comboio que sahia de Vichy ás 10 horas da manhã regressava ás 5 da tarde—não tinha tempo para solicitar no quartel general auctorisação para visitar os quartéis. Mas como eu desejava ver simplesmente o aspecto interior do quartel e das casernas, atrevia-me a dirigir-me a elle directamente, esperando que me fizesse a concessão que já me tinha sido feita no 92 de infantaria. Sabem o que me respondeu? *Pas d'intéressant à voir*. Sem mais nada.

Um homem de educação diria: «Sinto muito não poder acceder aos seus desejos. Mas a ordem superior é expressa. E você comprehende que, como militar, não posso alterar as instrucções. Quiz o meu camarada do 92 de infantaria assumir uma responsabilidade a que eu me não atrevo. Tenha você paciencia.» Seria correcto sem ser malereado. Mas a decantada galanteria franceza exprimiu-se, na bocca d'um official que tinha na sua frente um outro official e official d'um exercito estrangeiro, com a simples phrase: *Pas d'intéressant à voir*. Mais nada.

— Ah! meu filho da mãe, vim eu dizendo, que se nós vos tratassemos assim em Portugal talvez que vocês tivessem mais respeito por nós. E sômos nós os brutos e são estes figurões os delicados!

Filho da mãe é aqui para nós. Eu chamei-lhe filho de outra coisa. E ainda hoje sou capaz de apostar que não erreí.

Mas em Berne succedeu-me outra peor. O nosso ministro tinha-me dicto: «Ha hoje uma conferencia internacional no palacio federal. Apareça você por lá ás tres horas e vamos ambos visitar o quartel.»

Fui. Como a conferencia, porém, continuasse, o sr. Alberto d'Oliveira lembrou que era melhor eu ir andando para o quartel, que elle lá iria ter. Deu-me um bilhete seu de apresentação, fez-me entrar na sua carruagem e partir. A carruagem voltaria depois a busca-lo ao palacio federal.

Chegado ao quartel, divisei n'um corredor um capitão. Dirigi-me a elle, disse-lhe quem era e apresentei-lhe o bilhete do ministro de Portugal.

— Espere aqui, respondeu-me, que eu vou ao gabinete do commandante e cá lhe mando a resposta.

Esperei, esperei, até cançar. Duas horas! Aborrecido, ia para me retirar quando chegou o sr. Alberto d'Oliveira. Contei-lhe o occorrido. Ficou desesperado, mas notei que não tinha ficado admirado. E' que,—dizia-me á noite um suíço de Genebra com quem no hotel tinha tomado relações,—toda a gente conhece a rudeza do *bernois*.

A rudeza!  
O commandante, que, por fim, eu e o sr. Alberto d'Oliveira encontramos, e a quem o nosso ministro expoz e censurou o succedido, não sabia de nada. Para compensar, mostrou-nos tudo em seguida, com as mais largas e completas informações.

Ganhámos com a má criação do *bernois*. Nem por isso o homemzinho deixou de provar que... cá e lá *más fadas ha*.

Nas classes inferiores é a mesma coisa. Toda a francezice da França cheira a gorgeta que tresanda. Eu não digo que o povo não seja um pouco mais polido que o nosso. E'. No emtanto, se perdem a esperança na gorgeta, todas aquellas amabilidades se transmudam, como que por encanto, em frieza e má cara. A razão do *môcieu, môcieu* a cada passo, do riso, do requebro, da gentileza que acompanha o *môcieu*, está no *pourboire*. Que não lhes cheira a *pourboire* e verão como pelo gesto, pela tromba, e pela mente, quando não seja pela bocca e pela palavra, mandam o *môcieu* para casa do diabo.

H. C.

Diploma d'honra

Vae por estes dias ser entregue ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, um lindo diploma de socio benemerito da Sociedade Recreio Artistico, que nos dizem ser um trabalho verdadeiramente artistico, feito em metal cinzelado e gravado, trabalho devido ao distincto cinzelador gravador e nosso patricio sr. José d'Azevedo Leite Junior, um môdesto mas laureado artista, que tem executado obras de sobejo a conquistar um nome entre os primeiros dos nossos distinctos modernos gravadores.

PUBLICAÇÕES

**SERÕES**—O presente n.º 26, além da costumada folha de «Serões das Senhoras», com 28 illustrações e folha de modles, e uma bella musica de J. L. Dussek, intitulada «Malinée», insere interessantes artigos de: Severo Portella, «Os pobres de pedir»; Thomaz da Fonseca, continuação do «Caramulo»; Virgilio Machado, «Os actuaes processos de curar»; Wenceslau de Moraes, «Momiji»; Adriano de Sá, «Cawnpore»; André dos Reis, «A entrega dos ramos»; a continuação do estudo sobre «A renascença em Portugal», por Albrecht Haupt; dois capitulos do romance «A lenda do canzarrão, de Conan Doyle»; versos de D. Branca de Gonta Colaço, Eduardo Metzner e Cardoso Maria, etc., etc.

Os «Serões» custam 200 réis apenas por cada numerada mensal.

**SAL.**—O wagon de sal vende-se actualmente a 300000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

CARTA DA COSTA NOVA

5 de Setembro de 1907.

Escrevo lhes hoje cá d'este recanto do paiz, no confin da Europa, que o mar beija constantemente em vagalhões de espuma.

Mas é um recanto deleitoso como nenhum outro. É um ponto minuscúlo, mas agradável, e não ha ninguém, absolutamente ninguém, que o visite que se não sinta preso a elle como o apaixonado á Dulcinea que lhe arrebatou o coração. E eu também o estou, embora o meu coração jámais esteja para festas.

Passo a dizer-lhes, e esse, com certeza, é o motivo primordial que me levou hoje a pegar na minha já enferrujada penna, que vamos ter em 14, 15 e 16 d'este mez as melhores festas, talvez, que por cá se realizarão este anno.

E a mocidade alegre que as promove, e, quando ellas trazem este sello, é sempre de confiar que darão alguma coisa de goito.

O programma, pelo menos, é attraente, pois consta:

EM 14—Alvorada, com Zé Pereira, corridas de natação, saccos e cavalhadas, illuminações e serenatas.

EM 15—Alvorada por uma banda de musica, missa campal, regata, musica e fogo de Vianna.

EM 16—Alvorada, batalha de flores, concurso de belleza, corridas pedestres e de bicycletes, illuminação e musica.

A comissão, segundo o mesmo programma, espera também alcançar que a empresa dos automoveis reduza, n'esses dias, os preços de transporte aos passageiros.

E, pois, de esperar festa rija e farta concorrência de forasteiros.

O temporal da semana passada fez por aqui largos prejuizos, avolumando entre elles o desastre da barca de passagem, que se voltou em meio do rio.

Deve-se ao arrojo, sangue frio e coragem do barqueiro Antonio Roque, da Gafanha, o não termos de lamentar hoje quatro mortes, pois que, este rapaz, com uma heroicidade estoica, segurou duas creanças debaixo dos braços, outra nos dentes e uma mulher em uma das mãos, quasi durante uma boa hora.

E isto debaixo d'um temporal temível, medonho, capaz de fazer arripiar os cabelos ao mais audaz dos homens. Recommendamo-lo ás auctoridades do districto.

— Ao sr. administrador do Conselho de Ihavo pedimos providencias contra o uso e abuso de se trazerem porcos á solta pelas ruas da praia, e principalmente quando elles tem o arrojo de nos entrarem em casa a rebuscarem o que por cá temos.

Não basta andarmos temerosos com a cigana que aqui assentou arraiaes, e para a qual chamamos também a atenção de sua ex.<sup>a</sup>, como ainda aquellas prendas nos mettem sustos, revolvem moveis e utensilios de cozinha, acabando por nos pôrem o ovo nas salas, com grave arrelia das creadas.

Veja v. ex.<sup>a</sup> se providencia a coibir o abuso, ou, caso não façam por attender as reclamações do publico, teremos então de nos socorrer ao processo de marmeleiro, como já foi um amigo nosso, que é receita prompta e eficaz para coisas d'esta natureza. Mas depois não se queixem nem reclamem!

— Os habitantes da Gafanha da Encarnação, fronteira a esta praia, andaram aqui, em comissão, angariando assignaturas para que a nova freguezia que tentam crear para alli seja extensiva a toda a Gafanha, e não a parte, como alguns habitantes d'aquelle logar requereram.

Outrosim desejava que a sede da freguezia seja estabelecida na Encarnação, não só por ser o centro da Gafanha, como estar ligada directamente com Ihavo, por uma boa estrada, e achar-se em frente da melhor praia que o concelho tem.

Achamos justa a reclamação e faremos votos para que sejam attendidos.

— Os festejos á Senhora da Saude também promettem este anno serem de primeirissima ordem. Para isso acha-se muito empenhado o nosso bom amigo João Marnoto (o Toninho), um rapaz (que já não é rapaz) de largo folego para estas coisas e sobretudo d'um entusiasmo sem equal pelos progressos d'esta praia.

Metteu-se agora, por capricho, a egreja, e por isso, como na coisa entra capricho, é de esperar que não nos enganemos. Depois se verá.

E sem mais por hoje o

GUNHA ROCHA.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

Mercado de Aveiro.

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	1\$120
» encarnado.....	1\$200
» manteiga.....	1\$000
» amarelo.....	1\$100
» misturado.....	720
» caraça.....	1020
» frade.....	800
Milho branco.....	760
» amarelo.....	730
Trigo gallego.....	1\$060
» tremoz.....	920
Batatas, 15 kilos.....	330
Ovos, duzia.....	150
Centeio.....	700
Cevada.....	600

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Omn. Tram. Omn. Rap. Cor.				
	M.	M.	T.	T.	
Lisboa (Roc.)	8,35	—	1,50	5,30	9,3
Entronc.º	11,54	—	4,55	7,3	12,19
					M.
Coimbra...	3,36	9,4	8,28	8,57	4,6
Pampilhosa.	4,9	9,34	9,20	9,13	4,35
Mogofores...	4,52	10,14	9,40	—	5,45
O. do Bairro	5,3	10,27	9,51	—	5,15
Aveiro.....	5,33	11,1	10,19	9,53	5,45
Estarreja.....	5,58	11,23	10,42	—	6,5
Ovar.....	6,18	11,54	11	—	6,24
					T.
Espinho....	6,43	12,34	11,24	10,35	6,46
Gaya.....	7,19	1,23	11,58	10,57	7,20
Porto(S.Bt.)	7,46	1,51	12,22	11,16	7,47

DO PORTO A LISBOA

	Omn. Rap. Omn. Rap. Cor.				
	M.	M.	T.	T.	
Porto(S.Bt.)	6,35	8,49	2,45	5	8,44
Gaya.....	7,6	9,11	3,19	5,21	9,19
Espinho....	7,30	9,28	3,40	5,38	9,46
Ovar.....	7,52	—	3,59	—	10,13
Estarreja...	8,13	—	4,16	—	10,33
Aveiro.....	8,36	10,8	4,37	6,16	10,55
O. Bairro...	9,6	—	5,4	—	11,25
Mogofores...	9,17	—	5,15	—	11,37
Pampilhosa.	9,35	10,45	5,31	6,51	11,57
Coimbra....	10,19	11,1	6,1	7,15	12,31
					T.
Entrocam...	1,47	12,55	8,52	9,9	3,24
Lisboa.....	5,7	2,40	11,58	10,50	6,25

Tramways.—Do Porto para Aveiro —Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde. Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

Creação d'uma universidade

Os judeus residentes na America projectam fundar uma universidade israelita para que juntaram já a somma enorme de 10 milhões de dollars, isto é, pouco mais ou menos 40 mil contos de réis da nossa moeda.

Os jornaes que não commungam n'esse credo combatem a fundação da universidade, com o fundamento de que tal instituto poderá atear os odios de raça e de religião, creando um partido anti-semita. Esses jornaes creêm que tal universidade, longe de servir a causa israelita, só poderá prejudicial-a.

Até aqui as universidades americanas eram frequentadas por individuos de todas as religiões, havendo nos corpos docentes de muitas d'ellas professores judeus. Esta circumstancia não tem creado difficuldades nenhuma, vivendo todos na maior paz e harmonia. Crenda que seja a universidade israelita, as coisas tomarão outros aspectos e não será para admirar que as luctas religiosas, até agora suspensas, se produzam com mais violencia, quebrando a tolerancia em que se tem vivido.

O assumpto é, effectivamente, melindroso e necessita de sério e attento estudo. Na America, christãos e judeus tem vivido em paz; quebrar uma concordia por um acto de mera ostentação, parece realmente descer-to. Os americanos devem saber o que se passa em França com os semitas e anti-semitas. O processo Dreyfus é um grande exemplo. No estado actual dos espiritos, o melhor será que os judeus da vasta America empreguem esses 10 mil contos em socorros aos correligionarios indigentes. Será mais humanitario e por isso mais grato a Jehovah.

Queres fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprae a bicycle—«A OSMOND».

**FABRICA DOS SANTOS MARYRES**

DE  
**CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura*—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 50000
- Quadros Parletaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 60000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—1.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gula prático e theorico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripita*—cada caderno, . . . . . 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado*..... 500
- A Cartilha Maternal e a Critica*..... 500
- Do mesmo auctor:

**LITTERATURA**

- Campo de Flôres*—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripitu.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ETABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**  
— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

**MODICIDADE DE PREÇOS**

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**

DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saíñas. Adóbos de parede, muro, mendas, tres quartos, canejás de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

**AVEIRO—PREZA**

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou quizesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feitos quasi de graça so na Oficina de alfaiate**

DO  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição anotada, e o seu preço é de 120 réis. Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

**POVO DE AVEIRO**

— DO —  
**TYPOGRAPHIA**

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Edições de primeira ordem, portanto, de toda a obra de imprensa, fazendo a mais barata do que em outra qualquer parte.

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

— DE —

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especines. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTHYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**

José Maria Simões & Filhos

**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF,"**

— E —

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicycletas.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.